
Narrativas póstumas de um massacre: o uso das redes sociais para a construção do personagem de Guilherme Taucci¹

Gabriela Rodrigues ALMEIDA²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo aborda a construção narrativa do autor de um dos massacres escolares mais importantes do país, Guilherme Taucci. Além disso, inicia uma análise sobre o uso de novas tecnologias na produção de conteúdos refratários para as redes sociais, em especial o TikTok, promovendo a violência escolar no Brasil de forma positiva, objetiva ou subjetivamente.

PALAVRAS-CHAVE: TikTok; deepfake; cultura digital; massacres em escolas; políticas e governança da internet.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, uma questão de segurança pública, outrora tão distante, se fez presente no dia – a – dia das discussões na educação, os ataques e massacres escolares. A organização de grupos refratários³ (ABIDIN, 2021) favoráveis aos atos públicos de violência começara a ser feita e acessada a partir da superfície da internet, em espaços como o X, o novo Twitter, e o TikTok, fomentando a produção de conteúdo de diversos tipos sobre o assunto. O desafio da moderação dessas produções textuais e audiovisuais se dá justamente pela camuflagem destes objetos dentro da estética e formato utilizado nessas redes, facilitando o acesso de jovens em idade escolar a revisionismos históricos de massacres famosos, como o de Suzano.

Embora o tema de violência escolar esteja muito presente nas produções acadêmicas das escolas de educação, há um ângulo comunicacional que deve ser explorado para o estudo da origem destes ataques, visando o processo de cooptação desses jovens pelos grupos supracitados.

Este artigo tem como objetivo analisar dois vídeos distintos publicados na plataforma TikTok visando a publicitação do massacre de Suzano, ocorrido em 2019,

¹ Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda da área de Ciências da Comunicação pela ECA-USP, email: garod.rodrigues@usp.br.

³ Segundo Abidin (2021), grupos e públicos refratários são aqueles que atuam à margem das redes sociais, infringindo as diretrizes de uso destas através do fomento e divulgação de discursos proibidos, porém agindo de uma forma que os permita operar “abaixo do radar”, ou seja, de certa forma que não são flagrados pelos mecanismos de vigilância.

evidenciando a figura de Guilherme Taucci, um dos autores. Especificamente, busca-se explicitar e explorar o uso de formatos nativos da internet e dos grupos de fãs, como é o caso do *edit*, e o uso de novas tecnologias para a produção de objetos audiovisuais, em especial o *deepfake*, para o revisionismo histórico e a criação de novas narrativas a partir da imputação de discursos irreais à personagens já falecidos.

O artigo deriva de pesquisa de mestrado ainda em desenvolvimento, sendo seus objetos e metodologia oriundos do trabalho original. A análise desses produtos audiovisuais é apresentada em duas seções principais: (1) análise do formato *edit*, sua contextualização histórica e sua aplicação narrativa na promoção de perspectivas criadas sobre a vida de Guilherme Taucci e o massacre de Suzano e (2) o uso de *deepfake* na criação de bonecos ventríloquos digitais a fim de promover discursos autocríticos póstumos relacionados a atos de violência escolar.

METODOLOGIA

O conteúdo deste artigo é derivado da pesquisa em desenvolvimento para a escrita da dissertação “O massacre está online: o papel do TikTok e X na difusão de mensagens positivas à violência escolar no Brasil”. Portanto, os critérios de coleta e seleção dos objetos, assim como o processo de análise dos vídeos apresentados foram aplicados de forma idêntica à dissertação, tanto na escolha do quadro teórico referência, da rede social citada, quanto na seleção de ferramentas para o monitoramento e *download* dos produtos audiovisuais.

Para a realização desta coleta, três hashtags foram monitoradas: #tcctwt, #tcc e #taucci, sabidamente utilizadas para discutir massacres em escolas e fomentar a produção de conteúdo favorável a estes. Neste artigo, em especial, a #taucci foi olhada com maior atenção visando entender o comportamento destes públicos refratários (ABIDIN, 2021) no papel de fandoms e sua participação na construção narrativa de Guilherme Taucci, focando especialmente em objetos audiovisuais curtos, publicados e/ou republicados no TikTok.

Para a escolha dos objetos apresentados nesse artigo, o critério de importância, definido na metodologia da dissertação supracitada a partir de (1) repetição e/ou republicação em diversas contas durante a coleta, (2) número de curtidas e (3) comentários relevantes para o contexto da pesquisa, fora utilizado, além da decisão pela diversidade de formatos e conteúdos para maior abrangência da observação explicitada.

O recorte feito do conteúdo coletado, e que será observado neste artigo, são duas publicações distintas no TikTok com o objetivo de analisar e compreender essas produções audiovisuais destes grupos, além de problematizar o espaço digital onde estão sendo publicados os atos violentos. Este artigo avaliará duas produções distintas publicadas em diferentes períodos na rede social supracitada: (1) vídeo da linguagem *edit* de Guilherme Tauci publicado pelo usuário oliveiratcc sob o nome de “Sou do Tauci” e (2) um vídeo que reproduz a face de Guilherme Tauci através da técnica de *deepfake* originalmente publicado pelo usuário trechoscinecasos, mas republicado diversas vezes por outras contas.

EDITS E SUA INFLUÊNCIA NARRATIVA

Anterior à análise, é necessário entendermos não apenas o formato técnico da linguagem *edit* para as redes sociais, em especial o TikTok, mas sua função histórico-narrativa aplicada à produção de conteúdos por grupos de fãs, ou *fandoms*, definida a partir das observações da cibercultura, das culturas da convergência e da participação no final dos anos 1990 e início dos anos 2000.

Apesar do distanciamento dos autores desta época com os objetos aqui abordados, o conceito de que o desenvolvimento de comunidades virtuais se apoia na interconexão (LÉVY, 2010) ainda é válido para o entendimento da existência e comportamento destes jovens em relação a Guilherme Tauci. Ao chamarmos esses admiradores especificamente de fãs, entendemos também que estes são indivíduos que se recusam a aceitar o que recebem de forma passiva e exigem o direito de uma participação plena na produção de conteúdo sobre aquilo ou aquele que admira (JENKINS, 2009), o que, neste contexto, os dá a garantia da liberdade para criação de curvas histórico-narrativas sobre o que aconteceu em Suzano em 2019 a partir da criação de *edits*, por exemplo.

O formato *edit* é um vídeo curto com intervenções audiovisuais, tais como filtros de cores, inserções textuais e aplicação de trilha sonora não original à peça, apropriando-se de produções culturais não originais do criador do conteúdo e visando criar ou intensificar um sentimento, dramatizar uma situação ou alguém, ficcional ou não, por vezes modificando o conteúdo narrativo apresentado originalmente. Podemos entender o *edit* como uma espécie de videoclipe experimental curto, visto a importância

da música escolhida e a possibilidade de criação de novas histórias a partir de ideias apresentadas nas letras das canções, sem a intenção integral de publicitar a música em si, mas a narrativa apresentada. Estabelecemos esse paralelo a partir das produções de Arlindo Machado (2000) sobre o formato e a observação de Franck Dupont sobre o trabalho de Zbigniew Rybczynski no clipe *Imagine* de John Lennon

Franck Dupont já observou que quando um artista como o polonês Zbigniew Rybczynski, com um longo passado de experimentação em cinema e vídeo, realiza um clipe como *Imagine* (1987), ele não está mais pensando num promocional do disco ou da música de John Lennon (na verdade, ele nem sequer foi contratado ou pago para isso), mas sim em realizar, a partir de algumas ideias já contidas na canção de Lenon, um verdadeiro vídeo experimental dentro do formato clipe. (MACHADO, 2000, p.175)

No *edit* analisado, publicado pelo usuário *oliveiratcc* sob a alcunha de “Sou do Taucci”, essa lógica se aplica a partir da escolha da música *Lovely* da cantora Billie Eilish, que retrata um eu-lírico lutando para escapar de um determinado lugar onde se vê preso, posteriormente sendo revelado como o estado depressivo. Para além do significado inerente à canção e sua letra, comercialmente a música fora utilizada na trilha sonora original do seriado da Netflix *13 Reasons Why*, em português *Os 13 Porquês*, que conta a história de uma menina que cometera suicídio e deixou treze áudio-cartas em fitas cassetes elegendo culpados por sua morte. Esta contextualização é de extrema importância para a construção do personagem de Guilherme Taucci proposta por seu *fandom*.

A persona explicitada pelos admiradores de Taucci, intensifica a narrativa de um jovem depressivo que sofria *bullying* de seus colegas na escola não apenas por se vestir com roupas do estilo gótico e jogar videogames, mas também por seus problemas familiares em relação à sua mãe, dependente química, e à morte de sua avó. O vídeo analisado guia o olhar do espectador para essa conclusão também através de suas intervenções imagéticas, a começar pela frase inicial em tela, “nossa, você tá triste”, seguida de uma escolha cuidadosa de imagens sem a presença de armas, de fogo ou brancas, e outros elementos explicitamente violentos, algo que, em vida, Taucci usava esteticamente com frequência em suas redes sociais. No entanto, o aceno ao discurso violento, em especial neonazista, ainda se faz presente no uso, por exemplo, de peças de roupas, como é o caso da *siege mask*, uma máscara de pano com uma caveira branca desenhada, muito utilizada nas imagens públicas do grupo Atomwaffen Division, uma

célula neo-nazista norte-americana fundada em 2015 em um fórum online que promovia ideais de supremacia racial.

A problemática deste tipo de publicização da violência, neste contexto, se dá justamente pela subjetividade da mensagem que não é detectada pelos mecanismos automáticos de mediação de redes sociais, como o TikTok, possibilitando a indexação destes conteúdos na versão do aplicativo destinado a crianças e adolescentes a partir dos 13 anos de idade. Além disso, a narrativa apresentada nesses vídeos converge com as angústias e problemas enfrentados pela maioria dos jovens em idade escolar, criando uma aproximação e identificação com o personagem de Taucii anterior a contextualização histórica do ato praticado por ele.

O USO DE DEEPFAKES ENQUANTO BONECOS VENTRÍLOQUOS

A tecnologia *deepfake* permite que produtores de conteúdos coloquem a sua voz emulando que qualquer pessoa – ou coisa – esteja falando o que o executor queira, ou seja, criando um momento ficcional onde alguém, ou algo, se pronuncia ou age em uma situação verossímil e, por vezes, humilhante. François Cooren (2020) analisa essa tecnologia a partir da ótica da enganação da parte receptiva da mensagem a partir de métodos de mediação

Um exemplo de engano pode ser encontrado em um novo software chamado DeepFake, que permite aos usuários realizar “troca de rosto” em vídeos, ou seja, um processo que consiste em substituir o rosto de uma pessoa pelo rosto de outra pessoa ou animal (ou até mesmo por um objeto). Esse tipo de aplicação pode certamente parecer divertido e até engraçado. No entanto, foi recentemente utilizado para desenvolver vídeos pornográficos estrelando celebridades como Gal Gadot, Scarlett Johansson e Taylor Swift. Embora a qualidade nem sempre seja extraordinária (como aponta Cole (2017), um jornalista da MotherBoard, “não vai enganar ninguém que olhar de perto”), o resultado é crível, o que é bastante notável, especialmente se considerarmos que esse trabalho de edição não exige a intervenção de nenhum grande estúdio de efeitos especiais.⁴ (COOREN, 2020, p. 14, tradução nossa)

Justamente por sua disponibilidade, não apenas aos profissionais da tecnologia e da produção de audiovisual, mas também aos curiosos e amadores, o aparecimento das

⁴ Do original: An example of deception can be found in a new software called DeepFake, which allow users to do “face swap” on videos, that is, a process that consists of swapping someone’s face with the face of another person or animal (or even with an object). This type of application can certainly look amusing and even funny. However, it was recently used to develop porn videos starring celebrities like Gal Gadot, Scarlett Johansson and Taylor Swift. Although the quality is not always extraordinary (as Cole (2017), a MotherBoard journalist, points out, “it’s not going to fool anyone who looks closely”), the result is believable, which is quite remarkable, especially if we consider that this editing work does not require the intervention of any big special effects studio. (COOREN, 2020, p. 14)

deepfakes em vídeos nas redes sociais, tanto em contextos de conteúdo de fãs, quanto em produções criminosas, era previsível. No entanto, diferentemente dos casos dos vídeos pornográficos de celebridades, o material que analisamos não visa parecer real ou criar um momento crível, mas sim gerar uma curva narrativa a partir da ideia de uma reflexão póstuma de Guilherme Taucci.

A intencionalidade de personificar um dos autores do massacre de Suzano naquele boneco digital aparece de forma clara já nos primeiros segundos de vídeo, quando o texto “meu nome é Guilherme Taucci, eu tinha 17 anos e essa é a minha história” é apresentado. Resumido em 1 minuto e dois segundos, a explicação do que ocorrera na Escola Estadual Raul Brasil é feita em primeira pessoa, utilizando recurso de voz robótica, ou seja, não emulando completamente a voz de Taucci, e de legendas que destacam palavras como bullying, abandonado e vítimas na cor vermelha, guiando a visão do espectador acerca daquela narrativa. O personagem se dissolve aos 58 segundos, quando o comportamento de influenciador aparece, em uma mensagem CTA⁵, pedindo para que pessoas interessadas em “mais histórias como essa” sigam o perfil.

Nessa situação, podemos afirmar que este personagem digital funciona na lógica do *upstream ventriloquism* (COOREN, 2020), ou seja, quando o interlocutor utiliza o boneco ventríloquo para passar uma mensagem falada, direta, sem a ambiguidade das nuances de movimentação e expressão, visto que o Taucci apresentado no vídeo não tem qualquer alteração em sua feição ou tom de voz. Para Cooren (2020), falar sobre uma situação também é um modo de *dar-lhe voz* numa discussão, utilizando-se dessa oportunidade para apresentar novas perspectivas no tempo presente, o que se mostra claramente como objetivo de quem produziu o vídeo em análise. Durante a fala do boneco, frases como “buscamos inspiração nos recôncavos mais obscuros da internet” e “[...] antes de fazermos mais vítimas” demonstram que, em teoria, aquela representação digital de um humano passou por um processo de autoavaliação e, sendo este um representante de Taucci, conseqüentemente o autor do massacre de Suzano. No entanto, ao fim do ato violento cometido por Guilherme, ele atira em seu companheiro, Luis

⁵ Do inglês call to action, o CTA é utilizado na publicidade como um chamado à ação, ou seja, o momento de pedir que o público faça algo através de mensagem falada, como “nos siga para mais”, ou, até mesmo, com elementos gráficos como um botão de “inscreva-se” em tela.

Henrique, e logo depois comete suicídio, o que torna essa reflexão impossível. Para Beiguelman (2023), as *deepfakes* consolidam negacionismos históricos

Contudo, os fantasmas das IAs carregam consigo uma outra dinâmica, que faz dos deepfakes um agente potencialmente mais perverso. Como comentei em uma outra coluna publicada aqui na revista ZUM, eles trazem possibilidades de consolidação de novos negacionismos históricos, capazes de emplacar as mais estapafúrdias teses, como “provar” que a Apollo11 nunca chegou à Lua, tema do ótimo *In Event of Moon Disaster* (2019), citado nesse mesmo texto, e que leva os deepfakes ao limite, pois sequer há dublagem no filme. Nele o presidente Richard Nixon reporta, diretamente do Salão Oval da Casa Branca, o desastre ocorrido com a Apollo 11. Seu discurso foi escrito por William Safire e seria lido no caso de um acidente com a missão lunar de 1969, que, como se sabe, não aconteceu. Para tanto, a voz de Richard Nixon foi sintetizada, também com IA, e seus movimentos faciais e labiais coincidem exatamente com o que é dito. (BEIGUELMAN, 2023, s.p.)

Observando as falas de Taucci em vida, suas publicações e opiniões públicas, é improvável que tal discurso fosse adotado pelo jovem, o que também observam alguns comentários da publicação, agindo inclusive como se o autor do massacre ainda estivesse vivo, “deixa o Taucci ver isso” diz um usuário. Apesar da dicotomia narrativa, a partir dos comentários é possível afirmar que os esforços comunicacionais aplicados para a construção desse personagem familiar, em que o espectador se vê espelhado, foram recompensados, visto o comportamento dos outros usuários o tratando como uma espécie de amigo que está sofrendo uma injustiça ou *zoação*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas práticas apresentadas durante o artigo estão cada vez mais presentes em diversas redes sociais, o que preocupa especialmente com a questão do revisionismo histórico de massacres como o de Suzano, inclusive utilizando-o para a divulgação e fomento de ideais neonazistas nas comunidades escolares brasileiras. Durante o ano de 2023, no início dessa pesquisa, era notável que os esforços empreendidos nessa estratégia comunicacional estavam dando frutos.

Atualmente, a decisão do Supremo Tribunal Federal de suspender a operação do X, o novo Twitter, no Brasil trouxe como consequência decisões da direção da plataforma de desbloquear diversas contas outrora derrubadas por decisões judiciais como resposta, entre elas a de Guilherme Taucci, o que amplificou ainda mais os discursos favoráveis aos massacres escolares entre os (ainda) usuários do X.

Por ser um processo embrionário de uma história ainda muito recente, é necessário prevenirmos o quanto antes a difusão de tais curvas narrativas e evitar que o

massacre de Suzano e, especialmente, a figura de Guilherme Taucchi torne-se uma espécie de ídolo de parte da juventude auxiliando na cooptação desses alunos, como, infelizmente, acontece com os autores do massacre de Columbine, nos Estados Unidos.

REFERÊNCIAS

ABIDIN, C. From “Networked Publics” to “Refracted Publics”: A Companion Framework for Researching “Below the Radar” Studies. **Social Media + Society**, v. 7, n. 1, p. 205630512098445, jan. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2056305120984458>. Acesso em: 8 mar. 2023.

BEIGUELMAN, G. O deepfake de Elis Regina e as fantasmagorias das IAs. **Revista ZUM**, jul. 2023. Disponível em: <https://revistazum.com.br/colunistas/elis-regina-ias/>. Acesso em 23 jun. 2024

COOREN, F. Reconciling dialogue and propagation: A ventriloquial inquiry. **Language and Dialogue**, v. 10, n. 1, p. 9 – 28, mai. 2020. Disponível em: https://www.jbe-platform.com/content/journals/10.1075/ld.00057.coo#abstract_content. Acesso em 20 set. 2024.

FERR, B.S. Sem título. [@beatrizstefanyfer]. 1 jun. 2023. [Vídeo]. TikTok. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@beatrizstefanyfer/video/7239880506081299718?q=taucchi&t=1717862875031>. Acesso em 1 jul. 2023. #taucchi #tcctwt #inteligenciaartificial

GALTUNG, J. Violência, paz e pesquisa para a paz. **Organicom**, [S. l.], v. 15, n. 28, p. 33–56, 2018. DOI: 10.11606/issn.2238-2593.organicom.2018.150546. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-2593.organicom.2018.150546>.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2009.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

LOVELY. Intérprete: Billie Eilish, Khalid. Compositores: Finneas O’Connell, Billie Eilish O’Connell, Khalid Robinson. In: LOVELY. Intérprete: Billie Eilish, Khalid. [S. l.]: Dark Room, Interscope, 2018. faixa 1 (3:20 min).

MACHADO, A. **A televisão levada a sério**. 4 ed. São Paulo: Senac, 2000.

SPAAIJ, R. **Understanding Lone Wolf terrorism**: Global patterns, motivations and prevention. 2012. ed. Dordrecht, Netherlands: Springer, 2011.

TAUCCI, S.d. Sem título. [@oliveiratcc]. 15 jan. 2024. [Vídeo]. TikTok. Disponível em: <https://www.tiktok.com/@oliveiratcc/video/7324348719409696006>. Acesso em 16 jan. 2024. #taucchi #tcctwt